

Agronegócio, emprego e serviços sustentam PIB do Brasil

Levantamento anual do IBGE mostra safra recorde de grãos em 2025 e desemprego em 5,6%



Soja alcançou 166,1 milhões de toneladas exportadas em 2025, sendo levantamento anual do IBGE

O Brasil encerrou 2025 com crescimento de 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB), abaixo dos 3,4% registrados em 2024, segundo o levantamento "Indicadores Econômicos do Brasil 2025", divulgado pelo IBGE na semana passada. O avanço foi sustentado pela agropecuária e pelas exportações, enquanto consumo das famílias, indústria e comércio perderam ritmo ao longo do ano.

As exportações cresceram 6,2%, acima dos 2,8% de 2024. A Formação Bruta de Capital Fixo avançou 2,9%, enquanto a taxa de investimento permaneceu em 16,8% do PIB. Já o consumo das famílias desacelerou de 5,1% em 2024 para 1,3% em 2025.

Na agropecuária, a produção nacional de grãos somou 346,1 milhões de toneladas, alta de 18,2% frente às 292,7 milhões de toneladas de 2024. O volume representa novo recorde da série iniciada em 1975. A soja alcançou 166,1 milhões de toneladas,

aumento de 14,6%, enquanto o milho registrou 141,7 milhões de toneladas, crescimento de 23,6%.

O Mato Grosso respondeu por 32% da produção nacional de grãos, seguido por Paraná, com 13,5%, e Goiás, com 11,3%. As regiões Centro-Oeste, Sul, Sudeste, Nordeste e Norte apresentaram expansão da produção agrícola em 23,6%, 10,2%, 20,5%, 7,6% e 22,7%, respectivamente.

Na pecuária, os abates de bovinos cresceram 8,2%, para 42,9 milhões de cabeças. Os abates de suínos aumentaram 4,3%, enquanto os de frangos avançaram 3,1%. A produção de ovos atingiu 4,95 bilhões de dúzias, alta de 5,7%, no 28º recorde consecutivo da série histórica. A captação de leite subiu 8,5%, para 27,5 bilhões de litros.

A indústria cresceu 0,6% em 2025, abaixo dos 3,1% registrados em 2024. Entre os segmentos, os bens de consumo duráveis avançaram 2,4% e os bens intermediários, 1,4%. Já os bens de capital recuaram

1,5% e os bens de consumo semi e não duráveis tiveram queda de 1,7%.

As indústrias extrativas cresceram 4,9%, enquanto coque, derivados de petróleo e biocombustíveis recuaram 5,3%. Regionalmente, o Espírito Santo registrou alta de 11,6% na produção industrial, e o Rio de Janeiro, de 5,1%. Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte tiveram quedas de 12,8% e 11,8%, respectivamente.

O comércio varejista encerrou o ano com crescimento de 1,6%, nono avanço anual consecutivo. O varejo ampliado variou 0,1%. Entre os setores, móveis e eletrodomésticos cresceram 4,6%, enquanto artigos farmacêuticos, médicos e de perfumaria avançaram 4,5%.

No setor de serviços, o volume cresceu 2,9%, acumulando cinco anos seguidos de expansão. Os destaques foram os serviços de informação e comunicação, com alta de 5,5%, e transportes e logística, com avanço de 2,3%.

Mercado de Trabalho

No mercado de trabalho, a taxa de desocupação caiu para 5,6%, o menor nível da série histórica iniciada em 2012. Em 2024, a taxa havia sido de 6,6%. A população ocupada chegou a 103 milhões de pessoas, crescimento de 1,7% em relação ao ano anterior. O contingente de desocupados recuou 14,5%, para 6,2 milhões de pessoas.

O nível de ocupação atingiu 59,1%, também um recorde. Entre os empregados do setor privado com carteira assinada, o total alcançou 38,9 milhões de trabalhadores, maior número já registrado. O número de trabalhadores por conta própria passou de 25,5 milhões para 26,1 milhões, alta de 2,4%.

A informalidade recuou de 39% para 38,1% da população ocupada. Entre os segmentos econômicos, os maiores avanços no emprego ocorreram em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas, com alta de 6,8%, e em administra-

ção pública, saúde e educação, com crescimento de 5%.

Renda

O rendimento médio real do trabalho atingiu R\$ 3.694 em 2025, crescimento de 5,8% em relação a 2024 e de 18,6% frente a 2012. A massa de rendimento real chegou a R\$ 375,4 bilhões por mês, avanço de 7,7% em um ano e maior resultado da série histórica.

Inflação

A inflação encerrou 2025 em 4,26%, abaixo dos 4,83% de 2024. O grupo habitação teve a maior alta, de 6,79%, seguido por educação, com 6,22%, despesas pessoais, com 5,87%, e saúde e cuidados pessoais, com 5,59%. A energia elétrica residencial subiu 12,31% no ano. Entre os alimentos, o café moído acumulou alta de 35,65%, enquanto o chocolate em barra avançou 27,12%. Em sentido oposto, o arroz caiu 26,56% e o leite longa vida recuou 12,87%.

Participação feminina em conselhos de empresas sobe para 13,2% no Brasil

Ilustração/Imagem gerada por IA

A presença de mulheres em cargos de liderança nas empresas brasileiras cresceu na última década, mas segue distante da igualdade de gênero. É o que mostra o estudo "Cracking the Glass Ceiling: Women on Boards of Directors and Executive Boards and Their Impact on Financial Performance", publicado na revista científica *Gender, Work & Organization* por Claudia Emiko Yoshinaga, Leticia L. N. Bellato e Nathália Ruggiero Gil.

A pesquisa analisou empresas listadas na B3 (Bolsa de Valores do Brasil) entre 2010 e 2020 para medir a participação feminina em conselhos de administração e diretorias executivas e verificar se a presença de mulheres influencia o desempenho financeiro das companhias.

O levantamento reuniu 2,9 mil

observações de empresas brasileiras. As autoras utilizaram modelos estatísticos para relacionar indicadores de governança corporativa com o desempenho de mercado medido pelo Tobin's Q, indicador usado para avaliar valor de mercado e expectativa futura das empresas. Os resultados apontaram que a presença feminina não teve impacto estatisticamente significativo sobre o desempenho financeiro das companhias. Segundo o estudo, a participação de mulheres nos conselhos e diretorias não gerou efeitos positivos nem negativos nos resultados financeiros.

Os dados também mostram avanço gradual da participação feminina ao longo da década. Nos conselhos de administração, as mulheres ocupavam 7,6% das cadeiras em 2010. Em 2020, o percentual



Mulheres líderes passaram de 7,6% em 2010 para 13,2% em 2020

chegou a 13,2%. Nas diretorias executivas, a participação passou de 7,4% para 12,2% no mesmo período. Apesar do crescimento, a presença feminina segue reduzida. Em 2020, a média de mulheres

por conselho de administração era inferior a uma integrante por empresa. Nas diretorias executivas, a média também ficou abaixo de uma mulher por companhia.

A pesquisa identificou ainda

que muitas empresas continuavam sem nenhuma mulher em posições estratégicas. Em 2019, mais da metade das companhias analisadas passou a ter ao menos uma mulher no conselho de administração. Já nas diretorias executivas, a ausência feminina permaneceu predominante ao longo da série histórica. O estudo também comparou o avanço da diversidade de gênero com o crescimento da presença de conselheiros independentes. Enquanto a participação feminina nos conselhos avançou 5,6 pontos percentuais na década, a presença de membros independentes subiu de 14,9% para 32%.

Segundo as autoras, os dados indicam que não há justificativa econômica para a baixa presença feminina nos cargos de liderança corporativa.